



PAULO RAMOS

Piadas e
tiras
cômicas:
semelhanças
entre
gêneros

PAULO RAMOS
é jornalista e
pesquisador do
Núcleo de Pesquisas
de Histórias
em Quadrinhos
da ECA-USP.

RESUMO

Costuma-se dizer no circuito de produção e de circulação das tiras cômicas que estas seriam piadas narradas em quadrinhos. Estas linhas investigam a premissa e revelam que, de fato, há um conjunto de pontos comuns entre os dois gêneros do humor, em particular no processo de construção textual do efeito cômico.

Palavras-chave: tiras cômicas, piadas, gêneros, humor, sentido.

ABSTRACT

On the circuit of production and distribution of comic strips it is usually said that they are jokes narrated in comic-strip form. This research examines that assumption; and shows that the two humor genres in fact have some points in common, especially as regards textual strategies aimed at achieving comic effects.

Keywords: comic strips, jokes, genres, humor, meaning.

A PERCEÇÃO



Eu estava desconfortável antes de ver o especial, preocupado com o que iriam fazer com meu personagem, mas me aliviei ao ver. Gostei bastante do resultado, é bastante fiel às piadas das minhas tiras.” A frase é do desenhista brasileiro Adão

Iturrusgarai, criador das tiras de *Aline*, publicadas desde a década de 1990 no jornal *Folha de S. Paulo*. O depoimento dele, dado ao jornalista Renato Félix, foi publicado em 1º de outubro de 2009 e fazia referência à estreia de uma versão televisiva da personagem dos quadrinhos, conhecida por ser obcecada por sexo. O autor diz ter gostado do que viu na tela, principalmente pelo fato de a adaptação ter sido fiel às piadas gráficas criadas por ele.

O interesse na afirmação de Iturrusgarai não está na adaptação em si ou no grau de fidelidade dela, mas na percepção que o desenhista tem de que suas tiras contenham piadas. Um exemplo, extraído do blog do autor:

Nos dois primeiros quadrinhos, cria-se a expectativa de que Aline irá usar o computador para “fazer um bom uso da rede”, de modo a ganhar dinheiro com a Internet. O inusitado é ela se apropriar do recurso virtual para reforçar sua gana por sexo, como revela a cena final. A personagem escreve na tela do computador uma espécie de anúncio, intitulado “Aline saradinha”: “Disposta a realizar todas as suas fantasias. Faço massagem tailandesa...”. O efeito de humor é construído por meio desse desfecho inesperado.

FIGURA 1
Tira da
personagem
Aline, de Adão
Iturrusgarai



Reprodução

A leitura de que as tiras contenham uma piada é compartilhada por outros autores de quadrinhos. Fernando Gonsales, criador das tiras de *Níquel Náusea*, também publicadas pela *Folha de S. Paulo*, explicita tal leitura em entrevista concedida para a Internet (Faggion, 2010). Ele respondia à questão de se os seus personagens, a maioria animais, reagiam como bichos ou como humanos. “Acho legal mesclar as coisas. Vai depender da piada. Antes eu nunca colocava um animal dirigindo um carro, por exemplo. Mas agora eu faço isso de vez em quando, se achar que a tira vai ficar legal.” Percebe-se no depoimento de Gonsales que a humanização dos personagens de suas histórias dependeria da piada.

Uma vez mais, evidencia-se que os autores das tiras trabalham com a premissa de que suas criações conteriam uma piada. Salões e concursos de humor também costumam orientar os inscritos na categoria “tiras” a fazerem os desenhos com cunho cômico. É o caso do que faz o Salão de Humor de Paraguaçu Paulista, que define o termo como “humor gráfico em sequência curta de quadrinhos semelhantes às publicadas em jornais” (2010). O Concurso de Tiras Humorísticas, que teve sua segunda edição em 2010, dá a seguinte síntese aos interessados em se inscrever:

“[...] história em quadrinhos curta, contada em um ou mais quadros sequenciais, que provoque humor ou riso por meio da ironia ou comicidade. Pode ter conteúdo cartunístico (chiste intemporal) ou assemelhar-se à charge (inspirada em fato político da atualidade), ter personagem fixo ou conteúdo aleatório, traço realista ou caricatural”.

Quem publica também tende a orientar os leitores de que as coletâneas de tiras estabelecem diálogo com a piada. A editora lançou mais de uma coleção que trazia a palavra *piada* no título, reunindo tiras de diferentes personagens, nacionais e estrangeiros (figuras 2 e 3). A pessoa que compra uma obra dessas tende a ser orientada de que aquele produto traz piadas feitas na forma de tiras.

Nota-se que o processo de circulação das tiras – produção, publicação e leitura – trabalha com a percepção de que elas são semelhantes a uma piada. Pelo menos as tiras de cunho humorístico, também chamadas de *tiras cômicas*. O diálogo entre os dois gêneros, aparentemente consensual, foi investigado em estudo feito por nós em 2007 e retomado de forma mais sucinta em 2009. A pesquisa se ancorou no campo dos estudos textuais da linguística e procurou analisar os dois gêneros, tanto no processo de produção como de construção do sentido. As conclusões pautam a exposição deste artigo, feita a seguir.

OS GÊNEROS

Um primeiro cuidado no tocante ao estudo dos gêneros é perceber que eles são construídos no processo sociointerativo, e não modelos prontos, normativos. Para bem entender as piadas e as tiras cômicas – estas serão usadas também com o sinônimo *tiras* – é preciso observar quais são suas marcas de produção e de circulação. Tal critério metodológico se ancora na premissa de que ambas, tiras e piadas, configuram gêneros autônomos, entendidos aqui na definição de Bakhtin (2000), como “tipos relativamente

estáveis de enunciados” usados numa situação sociocomunicativa e construídos por meio dela. Nas palavras do pesquisador russo, se “[...] não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (Bakhtin, 2000, p. 302).

O modelo bakhtiniano parte do princípio de que o *locus* de produção, ancorado historicamente, deve ser observado no momento de cristalização dos gêneros. É uma interpretação compartilhada por Maingueneau (2002, 2006), autor para quem a finalidade, o lugar, o momento, o suporte material e o estabelecimento de parceiros pertinentes à interação, que levaria a um contrato entre autor/falante e leitor/ouvinte, interfeririam no modo de produção comunicativo.

O linguista francês também postula que, em determinados casos, o rótulo usado para o gênero pode interferir na interação, influenciando em sua recepção. “Quando se atribui esse ou aquele rótulo a uma obra, indica-se como se pretende que o texto seja recebido, instaura-se – de maneira não negociada – um quadro para a atividade discursiva desse texto” (Maingueneau, 2006, pp. 238-9).

Um caso desses gêneros autorais, como o autor define as situações de rotulação, pode

ser visto na capa das coletâneas de tiras publicadas pela Editora Abril e mostradas abaixo. Se a empresa que publica a obra intitula o conteúdo – ou rotula, na acepção de Maingueneau – como sendo piadas, o outro extremo do processo interacional, o leitor, é influenciado pelo termo e tende a interpretá-lo como tal. Estabelece-se um contrato comunicativo nesse sentido.

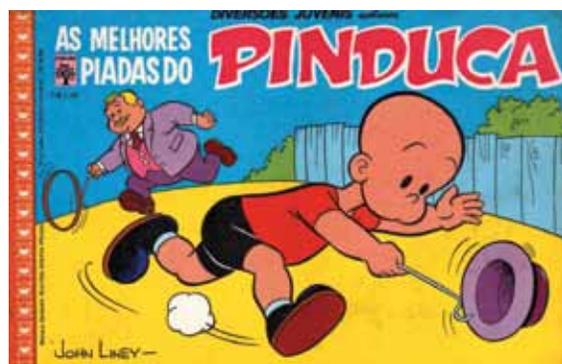
O fato de os autores, a outra parte da interação sociocomunicativa, também enxergarem as tiras como piadas só reforça a interpretação de que, no processo de circulação do gênero, trabalha-se com a premissa de que as tiras sejam sinônimas ou então um híbrido de piadas e quadrinhos. As marcas textuais dos dois gêneros irão reforçar essa leitura.

AS PIADAS

Existem diferentes entradas teóricas para se observar os textos de humor. No tocante às piadas, Raskin (1985) possui um dos trabalhos mais conhecidos. O pesquisador desenvolveu um modelo próprio para investigar as piadas, que batizou de *semantic script theory of humor*. Para ele, as pessoas possuiriam uma competência humorística, que permitiria a percepção de um modo de comunicação *non-bona-fide* (não confiável) sobreposto a outro, *bona-fide* (confiável), que ficaria em segundo plano no processamento das informações. O texto humorístico – entre os quais figuram as piadas – teria de obedecer a duas premissas para ser compreendido: 1) ser compatível



Reprodução



FIGURAS 2 e 3
Capas das
coletâneas de
tiras As Piadas
de Bolso do
Mickey
e As Melhores
Piadas do
Pinduca, ambos
da Editora Abril

com dois *scripts* diferentes; 2) os dois *scripts* textuais precisam ser opostos.

Os *scripts* são lidos como sequências de ações percebidas em uma determinada situação estereotipada. A piada conduziria o ouvinte/leitor a um *script* para, depois, revelar outro. Essa mudança, provocada por um *gatilho* presente num dado trecho-chave (*punch line*, no original de Raskin), levaria ao efeito de humor. A piada apresentaria, então, uma sequência própria:

- 1) troca de modo *bona-fide* pelo *non-bona-fide*;
- 2) intencionalidade de ser uma piada;
- 3) apresentação dos *scripts* compatíveis com o texto;
- 4) uma relação de oposição entre os dois *scripts*;
- 5) um *gatilho*, explícito ou não, que permita a oposição dos *scripts*.

Para esclarecer melhor o modelo teórico, vejamos a piada a seguir:

“Uma mãe estava preocupada porque o filho passava o dia inteiro mexendo no computador. Ela decidiu, então, levar o garoto à Igreja para que ele conversasse com um padre. Chegando lá, a mãe explica a situação e o sacerdote pergunta ao menino:

— Meu jovem, você segue Deus?

E o menino responde:

— Não sei... qual o *e-mail* dele?”.

Seguindo o raciocínio de Raskin, a piada reuniria dois *scripts* opostos, o da consulta religiosa e o do processo de interação no meio virtual. A troca de um *script* pelo outro se dá na penúltima linha (trecho-chave), por meio da ambiguidade do verbo “seguir” (buscar Deus/acompanhar Deus na Internet). A percepção das duas leituras é revelada na frase final, com a pergunta “qual o *e-mail* dele?”. O desfecho inesperado provocaria o humor.

Num segundo momento teórico, Raskin, em parceria com Attardo (1991), revisou e ampliou o modelo, criando a *general theory of verbal humor* (teoria geral do humor verbal). O novo molde teórico incorporava

elementos de outras áreas, como a linguística textual, as teorias da narrativa e a pragmática. A piada passou, então, a envolver seis conhecimentos por parte de quem a lê/ouve:

- 1) linguagem;
- 2) estratégia narrativa;
- 3) situação;
- 4) oposição de *scripts*;
- 5) mecanismo lógico (evidencia como os dois *scripts* ocorrem na piada);
- 6) alvo (conhecimentos referentes aos envolvidos pela piada, caso das loiras ou dos portugueses, vistos culturalmente no Brasil como pessoas de pouca inteligência).

Para Raskin e Attardo, haveria uma relação hierárquica entre os seis itens. A linguagem seria algo mais determinado no processo de produção da piada, ao contrário dos *scripts*, que teriam como marca justamente o teor não determinado. Os autores põem os dois elementos em campos extremos, a linguagem de um lado, os *scripts* do outro. Os demais itens ficariam numa posição intermediária, sendo mais ou menos relevantes conforme as necessidades de produção de sentido acionadas pelo texto. Se tomarmos o mesmo exemplo de piada analisado anteriormente, a ambiguidade, que revela o *script* camuflado, seria o ponto de maior relevância no processo de construção do humor.

Gil (1991) tem leitura semelhante à de Raskin e Attardo. A autora defende que a piada se desenvolve no que chamou de modo jocoso de comunicação, que pode ser lido como o modo *non-bona-fide*. O humor surgiria da passagem do aspecto sério para outro, fantasioso. “Caso a visão de mundo do leitor/ouvinte não lhe permita recuperar o significado pretendido, o texto não terá sentido para ele. Não o surpreende. Portanto, ele não ri. Não entende a piada” (Gil, 1991, pp. 146-7).

Apesar dos pontos comuns, a pesquisadora brasileira desenvolve um modelo próprio de análise das piadas, que teriam um antecedente e um conseqüente. O antecedente apresentaria os personagens, a história e sinalizaria para um determinado

tópico. O conseqüente traria a conclusão da narrativa, inesperada, inferida pelo leitor. A surpresa final seria a característica da piada e o que levaria ao efeito de humor. A mudança dos dois momentos seria provocada por um elemento mediador (na piada anterior, o elemento seria o verbo “segue”).

A pesquisadora vê nas piadas um texto que utiliza elementos da narrativa e dos recursos dialogais. Além disso, apresentariam tendência de serem curtas, muito por conta do conhecimento prévio que se tem do gênero e da dificuldade de se manter por muito tempo a tensão da narrativa de humor. Raskin e Attardo reforçam outro elemento: a presença de personagens fixos ou não, geralmente estereotipados, forma de facilitar a interpretação do leitor/ouvinte.

ASTIRAS CÔMICAS

Observar os locais de circulação das tiras – jornais, revistas, livros, blogs – revela diferentes aspectos com relação às tiras. Primeiro: nem todas são de humor. Segundo, consequência do anterior: há diferentes gêneros de tiras. Existem as que contam uma narrativa de ação com um capítulo por dia (tiras seriadas), as que se enquadram no modelo que Adão Iturrugarai e Fernando Gonsales expuseram em depoimentos reproduzidos no início deste artigo (tiras cômicas), as que mesclam as duas características (tiras cômicas seriadas) e as que se pautam pela liberdade temática e de criação.

A maioria delas, no entanto, procura seguir o padrão das tiras cômicas. No estudo

sobre o assunto (Ramos, 2007), investigamos um grupo de produções nacionais do gênero e percebemos essas características, que ajudam a compreender também o conceito de tira cômica com o qual se está trabalhando:

- formato fixo, com uma ou duas colunas, tendencialmente horizontal (em revistas em quadrinhos e livros, pode aparecer também na vertical);
- tendência de uso de poucos quadrinhos, dada a limitação do formato;
- tendência de uso de imagens desenhadas (há casos de fotografias, embora mais raros);
- em jornais, é frequente aparecerem o título e o nome do autor na parte de cima da tira; em coletâneas, essas informações costumam aparecer na capa da obra;
- personagens fixos ou não;
- predomínio de sequência narrativa, com uso de diálogos;
- narrativa pode ter continuidade temática em outras tiras;
- tema abordado é sobre humor;
- tendência de desfecho inesperado.

Observando (parte) dessas características em exemplos.

Há na tira um antes e um depois, elementos mínimos que levam à condução da narrativa. A história é construída por meio das ações de três personagens: um casal e o cãozinho. Este subia mancando uma longa escadaria. As frases do homem, “Um cãozinho mancando! Vamos levar para o veterinário!”, sugerem ao leitor que se trata de um animal ferido e que ele precisaria de atendimento especializado.



FIGURA 4
Tira da série *Níquel Náusea*, de Fernando Gonsales

No quadrinho seguinte, o mesmo homem carrega o bicho nos braços, ante o protesto deste: “Nunca consigo subir a escada de joelho para pagar a minha promessa!”. A situação inesperada, a de ser uma promessa, e não uma enfermidade, é que levaria ao efeito de humor.

Por conta do formato, a narrativa é condensada em apenas dois quadrinhos. Os personagens, no caso, não fixos, foram criados especificamente para a tira, estratégia comum às tiras da série. Apesar de o nome *Níquel Náusea* fazer referência ao personagem-título, um camundongo de esgoto, o animal tem aparecido em menos da metade das histórias das coletâneas publicadas na forma de livro, fonte da tira citada (Gonsales, 2010, p. 24).

O outro exemplo, ao contrário, trabalha com um grupo de personagens fixos, a *Turma do Xaxado*, criação do baiano Antônio Cedraz (2005).

O humor da tira se baseia numa terceira resposta, inesperada, ante à pergunta sobre se o homem ou a mulher trabalhariam mais. O balão de fala do quadrinho final, “Podemos não saber quem trabalha mais, mas quem trabalha menos...”, sugere que o menino mostrado no canto esquerdo da cena aprecie pouco a atividade de trabalhar. O fato de alguém ter como característica trabalhar menos, informação que deveria ser inferida pelo leitor, é o que traria comicidade à história.

Não seria essencial o leitor saber quem são os quatro personagens para compreender a tira. Mas, se tivesse conhecimentos prévios deles, acrescentaria mais informações no desfecho narrativo e faria um volume menor de inferências. Os três meninos mostrados no quadrinho inicial são Arturzinho, garoto rico, avarento e exibido da região, Xaxado,

com chapéu de cancaieiro, menino bem-intencionado e trabalhador, e Marieta, menina apaixonada pela leitura. O garoto apresentado na cena final é Zé Pequeno, dono de um falar regional e que evita o trabalho sempre que pode. Por ter a preguiça como característica, seria de esperar que fosse visto pelos demais como o que “trabalha menos”.

AS SEMELHANÇAS

Há diferenças entre as piadas e as tiras cômicas. Estas são produzidas num formato fixo, por exigência do mercado, e se ancoram em códigos distintos: o verbal escrito e o visual. As tiras também tendem a explicitar ao leitor quem são os autores da narrativa, algo que não ocorre nas piadas orais, que, nesse aspecto, assemelham-se às lendas ou relatos orais contados de pai para filho, geração após geração. É algo que se constrói socialmente sem a exigência da autoria.

Mas, se formos colocar semelhanças e diferenças numa balança, o peso será maior no lado das semelhanças. Há mais características comuns que pontos divergentes. Algumas delas:

- ambos apresentam texto tendencialmente curto;
- trabalham com situações e temas ligados ao humor;
- apresentam desfecho inesperado;
- inferência do efeito de humor provocado;
- tendência ao uso de diálogos;
- tendência a ter o humor focalizado em atitudes (verbais ou gestuais) centradas nos personagens;

FIGURA 5
Tira da série
Turma do
Xaxado, de
Antônio Cedraz



Reprodução

- presença de personagens fixos ou não (os fixos exigem do leitor conhecimento compartilhado);
- tendência a apresentar atitudes e personagens estereotipados, de modo a facilitar a compreensão das características situacionais e de composição dos personagens;
- necessidade de acionamento de conhecimentos compartilhados e de mundo de diversas ordens para a produção do sentido.

Por terem características tão próximas, justifica-se a impressão social, compartilhada por autores, editoras e leitores, de que as tiras cômicas sejam vistas como piadas. Produção *sui generis*, a tira engloba elementos do próprio gênero, que se apropria dos recursos da linguagem dos quadrinhos, assim como dialoga diretamente com outro gênero, a piada, criando no leitor a expectativa de que traga um texto de humor, com desfecho inesperado. É como se fosse uma piada feita em quadrinhos.

BIBLIOGRAFIA

- AS MELHORES PIADAS *do Pinduca*. São Paulo, Abril, agosto de 1976 (Coleção Diversões Juvenis).
- AS PIADAS DE BOLSO *do Mickey*. São Paulo, Abril, outubro de 1988, n. 4.
- ATTARDO, Salvatore & RASKIN, Victor. "Script Theory Revis(it)ed: Joke Similitiry and Joke Representation Model", in *Humor – Internacional Journal of Humor Research*. vol. 4-3/4. Berlin/New York, Moutonde Gruyter, 1991, , pp. 293-347.
- BAKHTIN, Mikhail. "Os Gêneros do Discurso", in *Estética da Criação Verbal*. 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000, pp. 277-326.
- CEDRAZ, Antônio. *A Turma do Xaxado: Brasileiros Como Você*. João Pessoa, Marca de Fantasia, 2005. _____ . *Xaxado* (disponível em: <http://www.xaxado.com.br/index.html>; acesso em 4/out./2010).
- CONCURSO DE TIRAS HUMORÍSTICAS, in *Marca de Fantasia* (disponível em: <http://www.marca-de-fantasia.com/nasparadas/gag-2010/gag-2010-regulamento.htm>; acesso em 4/out./2010).
- FAGGION, Renata. "Fernando Gonsales e Seu Humor Animal", in *Canina Blog* (disponível em: <http://caninablog.wordpress.com/2010/05/13/fernando-gonsales-e-seu-humor-animal/>; acesso em 3/out./2010).
- FÉLIX, Renato. "Adão Iturrusgarai, Criador de Aline", in *Boulevard do Crepúsculo* (disponível em: <http://renatofelix.wordpress.com/2009/10/01/entrevista-adao-iturrusgarai-criador-de-aline/>; acesso em 3/out./2010).
- GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A Linguagem da Surpresa: uma Proposta para o Estudo da Piada*. Tese de doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, FFLCH-USP, 1991.
- GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: a Vaca Foi Pro Brejo Atrás do Carro na Frente dos Bois*. São Paulo, Devir, 2010, p. 24.
- ITURRUSGARAI, Adão. "O Blog de Aline", in *O Mundo Maravilhoso de Adão Iturrusgarai* (disponível em http://adao-tiras.blog.uol.com.br/arch2009-09-20_2009-09-26.html#2009_09-26_12_48_24-7399276-28; acesso em 4/out./2010).
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análises de Textos de Comunicação*. São Paulo, Cortez, 2002. _____ . *O Discurso Literário*. São Paulo, Contexto, 2006.
- RAMOS, Paulo. *Tiras Cômicas e Piadas: Duas Leituras, Um Efeito de Humor*. Tese de doutorado em Letras. São Paulo, FFLCH-USP, 2007. _____ . *A Leitura dos Quadrinhos*. São Paulo, Contexto, 2009.
- RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Holland, D. Reidel Publishing Company, 1985.
- SALÃO DE HUMOR DE PARAGUAÇU PAULISTA (disponível em: <http://www.salaodehumordeparaguacu.com.br/regulamento.asp>; acesso em 4/out./2010).